

## O BINÔMIO ENSINO DE LÍNGUA/CULTURA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA BEM SUCEDIDA

### Introdução

Nosso relato se propõe a retratar uma questão que sempre se apresentou como sendo de muita relevância no contato entre as autoras enquanto professora/aluna durante as aulas de italiano, do curso de graduação em Licenciatura em Letras da UFRGS: o ensino de língua associado ao ensino de cultura. A experiência relatada aqui foi desenvolvida em conjunto após uma experiência semelhante bem-sucedida durante o Estágio de Docência em Língua Italiana.

A proposta foi a de fazer uma *Serata Italiana*, na qual os alunos seriam apresentados a músicas, iguarias típicas da culinária italiana e a pontos específicos da cultura italiana.

A partir da nossa experiência como docentes, notamos que existe uma grande curiosidade por parte dos alunos em conhecer a situação econômica, a social, a geografia e a história, a literatura e os aspectos culturais de um povo, além de aprender a falar a língua fluentemente. Esta curiosidade nos levou a elaborar uma proposta de atividade que tivesse como escopo principal explorar alguns aspectos da cultura italiana nas aulas de língua.

Neste contexto, entendemos que o ensino de língua estrangeira (LE) não pode e não deve ser dissociado do ensino de cultura, conforme entendido por Kramsch (1998:10)

*O conjunto de pessoas de uma comunidade discursiva que compartilha um espaço social e uma história e crenças comuns. E, ainda, quando eles têm de deixar tal comunidade, seus membros podem manter, onde quer que estejam, um sistema comum de padrões de percepção, crença, avaliação e ação. Estes padrões são geralmente chamados de sua 'cultura'<sup>1</sup>.*

Com base nisso, podemos ver que a maioria dos livros didáticos adotados hoje em dia pelas principais escolas de idiomas (neste caso, nos referimos somente à língua italiana) abordam vários elementos relacionados à cultura, sendo os de maior destaque a música, a culinária, o cinema, a moda e os costumes/estilo de vida dos falantes nativos.

---

<sup>1</sup> As traduções tanto do inglês quanto do italiano foram feitas pelas autoras.

A proposta foi a de fazer uma *Serata Italiana*, na qual os alunos seriam apresentados a músicas, iguarias típicas da culinária italiana e a pontos específicos da cultura italiana. Para tanto, escolhemos, dentre os pontos específicos, músicas que apresentavam nas suas letras uma poética possível de ser aproximada ou comparada a alguns autores da literatura e pratos típicos regionais que poderiam ser utilizados como ponto de partida para o estudo da história e de curiosidades de cada região italiana.

## Ensino de LE e Cultura: base teórica

Para elaborarmos nossa atividade, partimos da leitura de alguns autores que trabalham este aspecto língua/cultura. Sabemos que o ensino de LE não é dissociado da cultura da mesma. Conforme SCHEEREN (2006), quanto maior for a aproximação do aprendiz com a LE, em todos os seus aspectos, mais capaz ele será de elaborar enunciados pragmaticamente adequados e, por conseguinte, mais próximos da cultura da língua de chegada.

Também levamos em consideração aquilo que dizem GASS & SELINKER (1983:182) que sugerem que “aprender uma LE é mais do que aprender a pronúncia, os itens lexicais e a ordem das palavras. É algo muito maior, é saber utilizar tais palavras, expressões e frases em contextos da LE”<sup>2</sup>. O termo *languaculture*, cunhado por AGAR (1994), reúne em uma só palavra estes dois conceitos: língua e cultura. De acordo com Agar, a *languaculture* apresenta as ideias, valores e comportamentos dos indivíduos de uma sociedade, retratando tanto o discurso, quanto os vários significados contidos nele.

1. No caso específico da língua italiana, a discussão sobre qual cultura se ensinar acaba não acontecendo, quando consideramos o ensino de cultura. O italiano é a língua oficial de seis países: Itália, Vaticano, San Marino, Suíça, Croácia e Eslovênia. Nos casos do Vaticano e de San Marino, por estarem inseridos no território italiano, entram nos estudos da cultura italiana. A representatividade da língua italiana na Suíça é bem pequena: aproximadamente 8% da população que vive ao pé dos Alpes, na divisa com a Itália e, portanto, não há expressões culturais individualizadas dentro do Cantão Ticino, bem como nos outros países citados.

Portanto, quando tratamos de cultura italiana, estamos falando das características, usos e costumes da Itália, país cuja língua oficial é o italiano *standard*, falado majoritariamente pela população. Devemos considerar também que se tem falantes de italiano e de seus dialetos nos países que receberam imigrantes, como o

---

2



Brasil. Neste caso, pode-se fazer um paralelo entre a cultura da Itália e aquelas que provieram desta e se modificaram com o decorrer do tempo, como acontece principalmente nas comunidades italianas da região sul do Brasil.

Podemos resumir que a língua reflete a cultura e que uma sempre vem acompanhando a outra. A partir do conhecimento dos contextos de uso da língua, o aprendiz de LE vai poder se nortear para desenvolvê-la e utilizá-la de forma coerente e competente, buscando não somente a capacidade de comunicar-se, mas como inserir-se no seu contexto e fazer parte dela.

Assim, podemos remeter ao fato de que a língua é composta pelas modalidades oral e escrita, sendo que cada uma delas apresenta características próprias e particularidades que não necessariamente são as mesmas. A oralidade tem marcas específicas que não são transportadas para a escrita, como a gestualidade, o tom de voz, a velocidade, a pausa e outras. É também neste ponto que o estudo da cultura contribui para que o aprendiz de LE compreenda os mecanismos e contextos práticos de uso da língua como organismo de comunicação oral, que se dá por meio dos vários comportamentos e modos de interação que são próprios ou exclusivos do povo da língua de origem.

Ao incluir o ensino de cultura nas aulas de LE, o professor está contribuindo para que o aluno se interesse e se envolva ainda mais com seu objeto de estudo, alavancando as oportunidades de engajamento e motivação. Além disso, a dinâmica das aulas tende a se tornar mais atraente e lúdica, uma vez que aqueles alunos que tiveram alguma experiência no país de origem da língua também podem trazer suas contribuições e impressões, baseadas em suas próprias percepções.

## ***A Serata Italiana***

A escola em que a pesquisadora fez seu estágio tinha como público alunos adultos. Por isso foi proposta a organização de uma *Serata Italiana*, na qual esses alunos teriam a oportunidade de entrar em contato com a música e a culinária italianas.

Os alunos dos vários níveis foram convidados a participar da degustação de iguarias típicas da culinária italiana. Foi preparada uma tábua de frios com alguns tipos de queijos, salames e presuntos. Também serviu-se a *sardella* (espécie de pasta de pimentão condimentada) e a *caponata* (antepasto de berinjela) com pão italiano. A *Nutella* foi trazida ao momento a pedido dos próprios alunos. Em relação às músicas, foi preparada uma seleção de músicas antigas e atuais, que foram apresentadas durante esta “aula”.

A *Serata* teve duração de 2 horas e, durante este período, os alunos puderam degustar os alimentos enquanto ouviam as músicas e conversavam sobre a cultura italiana. Muitos alunos já haviam tido a experiência de viajar para a Itália e puderam compartilhar suas opiniões e pontos de vista a respeito das semelhanças e diferenças entre italianos e brasileiros. Informalmente, deram suas opiniões sobre a culinária, a política, o clima e pontos turísticos. Também foi interessante a discussão que se seguiu sobre os costumes dos imigrantes italianos no Brasil.

Analisando a atividade de organização da *Serata*, pode-se perceber que houve um grande interesse por parte dos alunos em fazer pesquisas prévias, em casa, na Internet, sobre os ingredientes e as receitas para preparar a *sardella* e a *caponata* para trazerem informações para a sala de aula. Também demonstraram muita curiosidade em saber mais a respeito dos cantores e das músicas, principalmente o que dizem as letras.

A troca de informações entre eles através dos debates mediados pela professora e os depoimentos sobre as experiências dos que já haviam estado na Itália foi bastante enriquecedora porque puderam trocar ideias, impressões e críticas sobre a cultura italiana; interagiram entre si e contribuíram com várias sugestões para enriquecer as aulas de LE.

Ao final da atividade de degustação foi solicitado aos alunos que fornecessem por escrito um *feedback* da atividade e um parecer sobre a relevância ou não do ensino de cultura nas aulas de língua estrangeira. Todos contribuíram com as suas opiniões, nas quais foi possível perceber que consideram fundamental o conhecimento da cultura local, dos usos e costumes daqueles que usam a língua estudada, no caso, o italiano. De acordo com algumas opiniões, os alunos entendem que este conhecimento os ajuda a aprender sem decorar, compreendendo melhor o uso da língua e desenvolvendo de forma correta o vocabulário, assim como acreditam que o estudo da língua não pode ocorrer como um ato isolado e distante da prática.

Além disso, afirmaram que o conhecimento dos costumes é importante tanto para o aprendizado da língua quanto para o incentivo ao respeito às diferenças culturais, uma vez que têm a oportunidade de se deparar com usos e costumes muitas vezes completamente diferentes dos brasileiros. No final da *Serata*, pedimos que espontaneamente os alunos deixassem um depoimento sobre o que haviam experienciado naquela noite e seu ponto de vista sobre o estudo de cultura junto com a língua estrangeira. Em um dos depoimentos, o aluno manifestou a vontade de que o ensino de cultura fosse inserido como conteúdo obrigatório nos cursos de língua estrangeira, pois aprender sobre a cultura contextualiza os conhecimentos da língua e aproxima a teoria da prática.

Os demais depoimentos demonstram que foi muito importante eles terem tido a oportunidade de pararem alguns instantes para debaterem e compartilharem o conhecimento sobre a cultura. Podemos ler impressões como ser fundamental o conhecimento da cultura local, dos usos e costumes daqueles que usam a língua que se estuda, neste caso o italiano. Para outro, a percepção foi de que o estudo de língua não pode ocorrer como um ato isolado, caso contrário esta língua aprendida pouco servirá para a aplicação prática e que o conhecimento dos costumes servirá não somente para o aprendizado da LE, mas para aprender a respeitar as diferenças entre os povos. Também salientaram a importância de não somente saber comunicar-se bem na língua estrangeira, mas também vivenciá-la através dos aspectos da cultura, a qual deveria ser inserida como aula obrigatória nos cursos de língua.

O depoimento em que o aluno ressalta que o conhecimento da cultura associado ao estudo de um idioma é muito importante, pois contextualiza o aluno naquilo que aprende na teoria. Saber e conhecer quais são as comidas típicas do país em que o idioma é falado, assim, com ter ideia dos hábitos das pessoas que vivem lá; saber o que se passa no campo da política atual; conhecer a história e a geografia do país demonstra que efetivamente atingimos nosso objetivo proposto com a *Serata*.

A partir dos depoimentos, podemos perceber que a opinião dos alunos a respeito do ensino de língua e cultura associados é unânime: na sua totalidade, acreditam ser importante conhecer não somente a língua, mas seus usos e contextos, o que se torna possível através de atividades em que sejam apresentados e discutidos assuntos interessantes e em que os próprios alunos possam participar ativamente de discussões, trazendo as suas contribuições e trocando ideias a respeito daquilo que conhecem sobre os costumes do povo de origem da língua. Este contato com as peculiaridades do povo, com seus usos e costumes, suas maneiras de ser, de agir e, principalmente, de falar faz com que o aluno identifique as semelhanças e as diferenças entre a cultura da LE que está aprendendo e a cultura do seu próprio país, sendo capaz, deste modo, de contextualizar as suas construções linguísticas a fim não somente de ser compreendido, mas de se tornar um falante proficiente no sentido amplo da palavra de conhecedor de aspectos culturais, linguísticos e pragmáticos.

O que foi visto até aqui corrobora a visão de Balboni (1994, p.120) sobre sua visão de cultura:

A cultura é vista como o retículo de valores, de princípios de organização social, de comportamentos, etc. que caracterizam uma comunidade e que representam o modo como esta responde às necessidades naturais (nutrir-se, vestir-se, conservar a espécie, etc.).

Em outras palavras, a identidade de um povo é construída através da sua cultura, e este conjunto de características que o define se reflete também nos contextos de uso da língua, fazendo dela um organismo de ação e interação que não deve ser considerada desvinculada dos fatos comportamentais dos indivíduos que a usam. Deste modo, se a considerarmos como algo desvinculado da cultura, teremos de admitir que o comportamento, o modo de pensar e agir, os valores e as características do povo não interferem nas construções cotidianas, nos usos e alterações sofridas pela língua em questão, quando o que verificamos é exatamente o contrário: as línguas sofrem mudanças, umas mais marcantes, outras menos, mas é sabido que se alteram de tempos em tempos a partir de ajustes e escolhas feitas pelos próprios falantes (e aqui podemos citar o uso de gírias e construções utilizadas por determinados grupos e que, de certa forma, “pertencem” a eles, e que tem o poder de identificá-los em meio à estrutura social onde estão inseridos).

Balboni (1994, p. 120) ainda sugere que

Em um curso de língua italiana de base não podem faltar elementos culturais de sentido antropológico: para poder comunicar-se, se faz necessário conhecer as regras culturais presentes nas principais situações em que o aluno pode encontrar-se.

Portanto, é a partir do conhecimento dos contextos de uso da língua que o aprendiz de LE vai se nortear para desenvolvê-la e utilizá-la de forma coerente e competente, buscando não somente a capacidade de comunicar-se, mas inserir-se no seu contexto e “fazer parte dela”, mesmo que talvez não se torne um falante tão proficiente quanto um nativo. E podemos ir mais além, se refletirmos a respeito das motivações e do interesse do aluno quando se dispõe a aprender uma LE.

Aqui remetemos à proposta deste trabalho: incluindo o ensino de cultura nas aulas de língua, o professor estará contribuindo para que o aluno se interesse e se envolva ainda mais com o seu objeto de estudo, uma vez que o referido estudo de língua sempre estará ligado a uma motivação do aluno (seja ela de ordem profissional ou de interesse pessoal), cabendo ao professor o papel, além de facilitador da aquisição de conhecimentos, também o de motivar e manter alta a motivação do aluno, para que, com esta prática conjunta, possam, aluno e professor, chegarem aos seus objetivos de aprender e ensinar reciprocamente.

Seja qual for o objetivo do estudante de LE, é importante que este não se limite somente a aprender a língua, mas que compreenda o universo ao qual ela pertence,

a fim de que possa também “apropriar-se” dela, tornando-se ao mesmo tempo um falante competente e um conhecedor de como usá-la a seu favor, fazendo dela uma ferramenta de comunicação e de aquisição de conhecimentos.

## **Considerações finais**

Como pudemos ver, a iniciativa de estudar a cultura partiu também dos próprios alunos, uma vez que eles se dispuseram a contribuir pesquisando sobre as iguarias e as levando para serem degustadas em aula, bem como participarem ativamente da discussão, apresentando suas opiniões a respeito da música, da literatura, dos usos e costumes, concordando ou criticando o comportamento dos falantes nativos vistos trechos de vídeos projetados pela professora e na fala dos que já haviam viajado para a Itália. Este exercício crítico serviu para estimular tanto a troca de informações entre eles quanto a (des)construção de estereótipos ou conceitos sobre o povo italiano, o que permitiu aos alunos identificarem as diferenças e semelhanças entre a sua própria cultura e aquela da LE da qual são aprendizes.

Partindo desta premissa, concluímos que se é do interesse dos alunos estudar a cultura do país de origem da LE, cabe ao professor, assumindo uma parceria com estes, planejar e proporcionar momentos em sala de aula nos quais seja possível associar discussões de tópicos de cultura ao estudo da língua, ocasiões estas em que se possa aproximar o objeto de estudo do seu uso contextualizado.

Como pudemos perceber, existiu um grande interesse por parte dos alunos em participar da atividade proposta e, conforme os depoimentos escritos por todos que estavam presentes na atividade eles, na sua totalidade são favoráveis à inserção de tópicos sobre cultura nas aulas de língua. Deste modo, confirma-se o que foi afirmado anteriormente: é necessário não somente aprender a falar a língua fluentemente, mas aprender a “fazer com a língua”, isto é, aprender a utilizá-la em seus contextos de uso, pois quanto mais o falante for capaz de contextualizá-la, também mais linguisticamente competente se tornará.

Pudemos perceber, ao longo deste trabalho, que a proposta de ensino de língua associado ao ensino de cultura pode se transformar em uma prática de sala de aula bastante proveitosa no sentido de apresentar ao aluno conhecimentos sobre os vários aspectos culturais dos falantes nativos e de fazê-los refletir a respeito das diferenças e semelhanças entre os seus próprios hábitos e os daqueles que falam a língua da qual é aprendiz. Com esta prática, incentiva-se o aluno a ampliar seus conhecimentos linguísticos e culturais e promove-se uma maior interação entre este e



o professor, bem como entre este e seus colegas aprendizes, proporcionando uma troca de informações com o objetivo de enriquecer suas bagagens

Através da proposta da atividade envolvendo o ensino de língua e cultura associados, verificamos que o interesse dos alunos pela cultura pode ser despertado e utilizado em favor de um melhor aproveitamento das aulas de língua, ou seja, é possível ensinar e aprender LE através da cultura do país de origem desta, unindo conhecimentos que, na prática, são interligados, e transformando a aula de língua estrangeira num momento de descontração e interação, onde a aprendizagem pode acontecer de forma lúdica e agradável. A partir da análise das atividades apresentadas, vimos que a participação positiva dos alunos contribui para o enriquecimento destas ocasiões em que se coloca em prática e, mais do que isso, se proporciona uma maior contextualização daqueles conteúdos estudados em aula, fazendo da língua um objeto de estudo menos abstrato.

Resumindo, este trabalho foi um verdadeiro apelo aos sentimentos e desejos humanos, transformando-os em instrumentos para aprender a língua italiana e conhecer um pouco mais sobre a cultura e sobre este povo fantástico que nos presenteou com o idioma *più bello del mondo*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, C. *Che cos'è la pragmatica linguistica*. Roma: Carocci editore, 2005.

AGAR, M. *Language Shock: Understanding the culture of conversation*. New York: William Morrow and Company, 1994.

BALBONI, P.E. *Didattica dell'Italiano a Stranieri*. Roma: Bonacci Editore, 1994.

GASS, S. & SELINKER, L. (eds.), *Language Transfer in Language Learning*. Rowley, Mass.: Newbury House, 1983.

KRAMSCH, C. *Language and Culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

SCHEEREN, C.M. *Inadequações pragmlingüísticas no processo de aprendizagem do italiano como língua estrangeira por falantes de português*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

SELINKER, L. *Interlanguage*. In: International Review of Applied Linguistics, v.10, n.3, 1972.

SILVA, M.C.; FINKENAUER, L. Metodologia do ensino da linguagem. Porto Alegre: Sagah, 2017.